

**A CIRCULAÇÃO E A ESPERA:
ESTUDOS SOBRE REVISTAS LITERÁRIAS E CULTURAIS
LATINO-AMERICANAS DOS SÉCULOS XX E XXI**

Prof.^a. Dr.^a. Laíse Ribas Bastos (UFRJ)
Prof.^a. Dr.^a. Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC)
Prof. Dr. Jeferson Candido (UFSC)

RESUMO: A leitura e análise de periódicos literários e culturais latino-americanos que circularam ou circulam a partir do século XX permite investigar e aprofundar os estudos da produção cultural da região em contextos diversos, por meio de releituras da tradição literária, da construção e desconstrução de cânones, e da identificação de linhas de pensamento no âmbito da literatura, da política, e da cultura. Nesse processo de leitura, revisão e investigação de periódicos, é preciso que se considere seu permanente caráter de transformação, isto é, os modos de difusão dos periódicos pressupõem tempos distintos: um tempo de circulação (e o olhar atento ao contexto social, histórico e político circundante), mas, também, um tempo de espera, um tempo de suspensão até que circule novamente, dessa vez, como objeto lido. Uma operação que vai da leitura à reconstrução desse objeto, conforme aponta Pablo Rocca (2007) ao analisar a natureza e a função das revistas no campo da cultura latino-americana. Trata-se, portanto, de considerar uma operação múltipla, nas eleições, recortes, sanções, preferências e exclusões realizadas desde a elaboração de um projeto para uma revista até sua efetiva circulação e recepção por um determinado público. Nesse sentido, Rocca afirma que as revistas sempre operam em **diálogo** – ou, se preferirmos ler com Roland Barthes (2004), assimilam uma faceta **intertextual** – com outras publicações, outros livros, “acontecimentos da vida concreta, ideológica, filosófica e cultural” (ROCCA, 2007), públicos diversos para além daquele esperado, e contextos outros. Há, porém, em todo esse movimento, certa complexidade, conforme lembra Raúl Antelo em “As revistas literárias brasileiras” (1997), ao propor, mais especificamente, que a revista literária seja pensada como uma forma da crítica e, assim, estabeleça com ela “relações bastante tensas”, uma vez que a natureza da crítica, apesar de múltipla, é hierárquica e normativa. Já a revista literária sempre poderá ser tomada em uma perspectiva horizontalizada e oferecer múltiplos enunciados, “nem sempre passíveis de unificação ou convergência”, porém sempre aberta à rearticulação de discursos e da própria crítica, em redes aleatórias capazes de mediar e validar discussões literárias, sociais e culturais (ANTELO, 1997). Tomadas como objetos moventes, as revistas estabeleceriam, portanto, um “desafio no tempo” (ROCCA, 2007), especialmente quando pensadas de acordo com a proposição de Beatriz Sarlo (1992) de que a **forma revista**, em sua prática de produção e circulação, tem sua autenticidade determinada para um tempo presente, apresentando-se, assim, como uma das modalidades de intervenção cultural que considera sobremaneira um público imaginado como espaço de alinhamento, mas, também, de conflito – o que determinaria sua abertura para uma “escuta contemporânea”. Para Sarlo o tempo presente estaria “incrustado” nas revistas mesmo quando convertidas em objetos do passado: tudo o que propuseram em algum momento da história será incorporado a uma cultura comum (os livros, as instituições e as práticas) ou será “triste evidência de um fracasso que foi, em seu momento, uma aposta perdida” (SARLO, 1992). Por outro lado, há de se considerar ainda certa ambivalência das revistas quando pensadas, também, a partir do arquivo de textos que encerram, arquivo esse próprio a certos sistemas de acontecimentos e coisas em condições, possibilidades e campos de utilização (FOUCAULT, 1995). Assim, retomando o pensamento de Raúl Antelo e apontando para a abordagem feita por Camargo (2003), o periódico passa a ser tomado

como objeto que pode ter suas funções rearticuladas, pressupondo todo o trabalho de escavação, investigação e descrição que o condicionaria em primeira instância como arquivo, mas, além disso, um objeto vivo e ativo cuja característica é, também, sua abertura para o futuro, guardando em si um desejo de memória e permanência – conforme sugere Derrida (2001) ao tratar da ambivalência do arquivo. Desse modo, pode-se entender ainda que o passado do arquivo guarda, também, sempre uma possibilidade de vir a ser. Ou seja, tendo em vista seu processo de formação e circulação, as revistas podem, ainda, ser pensadas como formas organizadoras do campo literário e artístico, construindo-se, simultaneamente como elementos que instituem e dão voz a distintos grupos (artísticos e intelectuais), os quais, ao elegerem suas próprias afinidades, “valem-se das revistas para constituir-se e para defender e propagar novos valores literários, estéticos e, também, políticos” (CAMARGO, 2003). O presente simpósio propõe, portanto, ler nos periódicos que circularam ou circulam na América Latina a partir do século XX o contexto literário e cultural que os cercam, bem como os pressupostos críticos que regem suas constantes mutações.

PALAVRAS-CHAVE: Periodismo; Cultura; Literatura; América Latina.

Referências bibliográficas

- ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 1, n. 2, pp. 3-11, 1997.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e *qualis* tais. *Outra travessia*, v. 40, n. 1, pp. 21-36, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanica*, v. 33, n. 99, pp. 3-20, 2004.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América*, n. 9-10, pp. 9-16, 1992.